

# O TRABALHADOR

INFORMATIONS DE LA C.G.T. EN LANGUE PORTUGAISE

MENSUEL N° 6 AVRIL 1967

50 CENT.

EM PAG. 4

A LIÇÃO DAS LUTAS ACTUAIS

E' A DE AJUDAR A REENCONTRAR A PAZ

## Viva o 1° de Maio

NESTE 1° de Maio, aniversário simbólico dos combates e das vitórias do mundo do trabalho, jornada de festa e de luta, jornada de solidariedade operária internacional, abramos os olhos e contemplemos o mundo.

Os nossos olhares voltam-se em primeiro lugar em direcção dos povos que sofrem e lutam e penam pela defesa da sua vida, de suas liberdades, do seu bem-estar.

— A guerra continua no Vietnam. O criminoso agressor americano mata, assassina um povo que, com uma fé inquebrantável, se bate pela independência e pela liberdade. O conflito agrava-se de dia para dia, torna-se mais atroz e ameaça a paz do mundo. O 1° de Maio, por toda a parte, deve organizar a solidariedade material e moral em relação ao povo vietnamiano. Por toda a parte deve expressar-se a vontade dos trabalhadores de se impor o fim dos bombardeamentos, a cessação dos combates, a evacuação das tropas americanas, o restabelecimento da paz no Vietnam.

— O fascismo, o colonialismo e o racismo mantêm sob o seu jugo os povos que lutam contra a opressão. Os nossos sentimentos de amizade e de solidariedade vão, em particular, para os trabalhadores de Portugal e de Espanha que travam uma luta corajosa contra as ditaduras salazarista e franquista.

— O capitalismo entrava o progresso económico, social e cultural dos povos, mantendo a sua exploração sobre os trabalhadores de numerosos países. Na Europa ocidental, os monopólios reforçam o seu domínio pelo seu entendimento no seio do Mercado Comum; esta situação impõe a mobilização de todas as energias e a organização de acções unitárias do conjunto dos trabalhadores desses países.

Todos estes problemas postos à escala do mundo preocupam a consciencia dos homens amantes de paz, de liberdade e de justiça social. A sua solução exige o desenvolvimento da solidariedade internacional.

Os trabalhadores encontram, lançando seus olhares em direcção desses países onde os povos se libertaram definitivamente da exploração capitalista, um apoio sólido e encorajamentos preciosos para seus esforços de emancipação.

Nesses países, centenas de milhões de homens celebram a verdadeira festa do trabalho. Eles constituem as forças montantes da nova sociedade que traz em si a esperança e a confiança dos trabalhadores do mundo inteiro.

Neste 1° de Maio de 1967 nós saudamos fraternalmente os trabalhadores da União Soviética que comemoram, este

(Conclui na pág. 4.)



**Viva a Unidade**  
**Viva a Solidariedade**  
**internacional**  
**e a Paz**

### TRABALHADORAS E TRABALHADORES PORTUGUESES

A CGT chama-vos, com os vossos camaradas franceses e imigrados

- a participar massivamente e na mais larga unidade as reuniões e às manifestações do 1° de maio
- a reafirmar os objectivos fundamentais do conjunto da classe operária
- a sustentar a acção da Federação Sindical Mundial pela unidade internacional e a paz mundial
- a firma a vossa solidariedade aos trabalhadores de todos os países,

D'après un dessin de Max Lingner (1936)

## ATACAR O MAL PELA RAIZ PARA PRESERVAR A VIDA E A SAUDE DOS TRABALHADORES

Só nas indústrias da construção, os acidentes de trabalho matam três trabalhadores por dia!

Em cada vinte e cinco segundos sobrevém um acidente que necessita vinte e seis dias de paragem de trabalho; e todos os cinco minutos um acidente origina uma incapacidade de trabalho duma duração de dois anos e meio!

Cada ano, os acidentes de trabalho forçam a perda de 17.200.000 dias de trabalho, ou seja o equivalente ao trabalho anual de 70.000 operários, que poderiam construir trinta e cinco mil alojamentos. Em regime capitalista, as técnicas modernas de construção e os ritmos acelerados de trabalho que isso obriga; as muito longas jornadas de labor; o emprego de produtos novos e nocivos, traduzem-se pela insegurança no trabalho. Os acidentes multiplicam-se e são muito mais graves, o que também origina maior número de doenças profissionais.

Os trabalhadores portugueses, como todos os outros trabalhadores imigrados, são empregados nos trabalhos mais duros e penosos, os mais insalubres, os mais perigosos. E por isso são as vítimas mais frequentes dos muito numerosos acidentes de trabalho e de doenças pro-

fissionais, o que lhes origina, consequentemente, um verdadeiro cortejo de dramas.

Com efeito, pouco ou nada está previsto para a sua educação, logo que eles não falem francês. Mais, outras discriminações os ferem ainda, neste aspecto. Esta situação não é sómente injusta, ela é odiosa, mesmo.

Os patrões dizem que é a « fatalidade », para se desembaraçarem mais facilmente da sua esmagadora responsabilidade. NAO! Não há fatalidade nesses acidentes de trabalho! Há, sim, menosprezo pela vida dos trabalhadores! A segurança no trabalho é uma questão que terá de prevalecer sobre todas as outras coisas, sobretudo sobre o interesse ganancioso dos patrões. Sob o regime da exploração do homem pelo homem, é o contrário que se verifica: — os interesses, os lucros estão acima da vida dos trabalhadores. Que importa ao patronato se a mulher perde o seu marido, se a criança for privada para sempre da protecção e afeição de seu pai, se a família perde o seu único sustentáculo? Para o patronato, sómente conta o lucro. E' PRECISO QUE ISTO ACABE!

Para preservar a sua vida e a sua saúde, os trabalhadores portugueses, com os seus camaradas de trabalho franceses, italianos, espanhóis, argelinos e outros devem atacar o mal pela raiz, isto é, desenvolver e reforçar a acção em direcção à melhoria das condições de trabalho e à satisfação das reivindicações, em especial do aumento dos salários, a redução do tempo de trabalho sem diminuição de salário, a igualdade das liberdades e direitos sindicais para os trabalhadores imigrados, para imporem sobre os lugares de trabalho uma verdadeira prevenção contra os acidentes e as doenças profissionais, forçando os patrões a assegurar com efectividade a segurança e a higiene no trabalho.

NENHUMA  
CARTA SINDICAL 1967



SEM O SELO  
DE O NINHO

### Festa de fin de ano

Na Bolsa do Trabalho em Levallois-Perret, teve lugar, na noite de 31 de Dezembro para o 1º de Janeiro, uma festa de confraternização dos portugueses residentes em Paris e arredores, levada a efeito pela Associação dos Originários de Portugal e a União dos Estudantes Portugueses em França, a qual foi muito concorrida, tendo-se prolongado até às sete horas da manhã. Essa festa constou de fados, canções portuguesas, seguida de jogos recreativos e baile.

## Contra o racismo

A C.G.T. sempre tem lutado pelo pleno reconhecimento e aplicação dos direitos e das liberdades dos homens e, em especial, dos trabalhadores, e tem defendido os trabalhadores imigrados sem distinção.

Sob o plano internacional, a C.G.T. tem condenado todas as formas de racismo e tem sempre manifestado testemunho da sua solidariedade e da classe operária, aos trabalhadores e aos povos que têm sido vítimas da opressão e da injustiça.

## EM CASO DE DESPEDIMENTO

Desde que um operário tenha seis meses de casa, o « pré-aviso » para despedimento é legalmente de um mês, no mínimo. Com efeito, isto é assim em todas as profissões, incluindo para as mulheres de limpeza (*femmes de ménage*) e para os operários da construção.

Os seis meses de trabalho numa casa exigido pela lei não quer dizer que sejam seis meses de trabalho efectivo, mas sim seis meses de presença entre o pessoal operário da firma, incluindo os períodos de ausência, por exemplo por motivo de doença.

Com menos de seis meses de assalariado numa firma, o « pré-aviso » é feito como é costume da convenção colectiva da respectiva indústria (em geral, uma semana para os operários ganhando à hora).

A data da apresentação ao assalariado da carta registada de despedimento fixa o ponto de partida do prazo de despedimento (ou pré-aviso) de um mês. Mas na falta desta carta,

o « pré-aviso » legal de um mês é sempre devido, além dos prejuízos e interesses eventuais que houver.

Mas se o assalariado não tiver seis meses de antiguidade na casa, a carta registada é à mesma obrigatória por lei, embora o prazo-despedimento comece a ser contado desde a primeira notificação, mesmo verbal, do despedimento.

Durante o « pré-aviso » habitual, o assalariado tem direito a duas horas por dia para poder ir procurar um novo emprego. Estas duas horas são pagas pelo patrão.

O trabalhador despedido sem « pré-aviso » tem direito, salvo caso de falta grave provada, a uma indemnização de brusca rotura igual ao salário que teria de ser-lhe pago durante o « pré-aviso », incluindo as horas suplementares. O patrão, se não fizer caso do que diz a lei, não poderá ser dispensado do pagamento da indemnização, mesmo que venha a oferecer mais tarde ao assalariado a possibilidade de cumprir o « pré-aviso ».

## A preparação do Congresso da C.G.T.

E' em 11 de Junho próximo, em Nanterre, que serão abertos os trabalhos do 36º Congresso Confederal da C.G.T.

Serão organizadas assembleias de sindicalizados para poderem apreciar e discutir os relatórios e os outros documentos preparados para o próximo congresso.

Quaisquer que sejam os objectivos da C.G.T. ou os meios de acção de os levar à prática, sobre reivindicações económicas e sociais, sobre liberdades e direitos sindicais, sobre os problemas da democracia e da paz, sobre a unidade dos trabalhadores e das suas organizações, bem como do reforço da C.G.T. e da solidariedade internacional, os trabalhadores portugueses têm não sómente interesse, mas igualmente o dever de dar o seu parecer. O congresso da C.G.T. é o seu congresso, como é o de todos os sindicalizados. Na C.G.T., se todos têm os mesmos direitos, têm também os mesmos deveres.

Os trabalhadores portugueses são parte activa nestas pequenas ou grandes reuniões onde serão debatidas todas as questões interessando o conjunto dos trabalhadores no que respeita às reivindicações gerais, assim como às reivindicações de diversas categorias de assa-

lariados, portanto, às suas reivindicações particulares.

Estas discussões devem resolver as medidas a tomar para que os trabalhadores possam ajudar a acelerar a sua pressão para se poder marchar o mais depressa possível em direcção ao grande sucesso das suas reivindicações.

Os trabalhadores portugueses, pela sua parte, participam activamente nas lutas que se desenrolam actualmente. Os militantes da C.G.T. devem, pois, ir junto dos seus camaradas de trabalho que ainda não se juntaram nas fileiras da organização sindical, para discutirem com eles sobre o que é o sindicato, explicar-lhes porque e como, longe do seu país natal, eles são ainda mais explorados que os outros trabalhadores, para mostrar-lhes os resultados obtidos com os sindicatos e a acção levada a cabo em comun.

Com a participação de todos e de cada um, a preparação do Congresso será ainda melhor, os trabalhos do mesmo conhecerão um maior sucesso.

Assim, os trabalhadores portugueses, reforçando a C.G.T., poderão melhor conseguir o triunfo para as suas reivindicações, com o conjunto da classe operária da França.

## EM CASO DE DESEMPRECO TOTAL

Todos os trabalhadores têm direito a um subsídio de desemprego pago pelo Estado.

Para isto, é preciso que o trabalhador, logo que seja despedido, se inscreva no « bureau » da mão-de-obra da « mairie » em que viva, como candidato a um emprego;

— habite numa comuna onde exista um « Fundo de Desemprego »;

— tenha menos de 65 anos;

— não tenha deixado voluntariamente o emprego (isto é, não se tenha ele mesmo despedido) salvo motivo legítimo;

— tenha trabalhado, no decorrer dos 12 meses que antecedem o despedimento, 150 dias de trabalho assalariado;

— habitar depois de um ano a região parisiense, ou depois de três meses em uma qualquer outra comuna;

— não ultrapassar os limites de recursos.

Todos poderão igualmente receber os subsídios de ASSEDIC, iguais a 33 % do salários e que podem juntar-se aos subsídios do Estado. Para poder ter direito a este outro subsídio, é preciso que o trabalhador reúna as seguintes condições:

— Estar inscrito como candidato a um emprego (mesmo que não receba o auxílio do Estado);

— tenha pertencido durante três meses no decurso dos 12 meses antes do desemprego a uma ou diversas empresas inscritas na ASSEDIC;

— ter efectuado, numa ou em várias dessas empresas, 180 horas de trabalho durante os últimos três meses;

— não ter-se despedido voluntariamente do emprego (salvo motivo legítimo);

— ter menos de 65 anos.

Para esta inscrição não há condição de recursos ou de residência.

O impresso para este pedido deverá ser entregue à ASSEDIC do último patrão. Em caso de dificuldades sobre este assunto, procurem informar-se junto das organizações da C.G.T.



### la "Vie Ouvrière"

l'hebdomadaire de la C.G.T. est en vente auprès des diffuseurs, des syndicats de la C.G.T.,

à LA VIE OUVRIERE  
18, rue des Fêtes, PARIS-19º

Abonnements :  
C.C.P. 4119-17 Paris  
6 mois : 19 F  
1 an : 36 F  
Etranger : 50 F

### Permanências da CGT para Portugueses

NO SENA :

SINDICATO RENAULT-BIL-LANCOURT. — 82, rue Yves-Kermen. Todas as Quartas-feiras, das 18 às 19 horas.

SAINT-DENIS. — Na Bolsa do Trabalho, 4, rue Suger, todas as Terças e Sextas-Feiras, das 17 às 19 horas.

AUBERVILLIERS. — Na União Local da C.G.T., 13, rue Pasteur, todos os sábados, das 18 às 19 horas.

VILLEJUIF. — Na União Local da C.G.T., no 1º sábado de cada mês.

CHAMPIGNY - SUR - MARNE. — Na Bolsa do Trabalho, 95, rue de Verdun. Todos os Domingos, das 10 às 12 horas.

SAINT-OUEN. — Na Casa dos Sindicatos. Todas as Segundas-Feiras, das 19 às 20 horas.

BOLSA DO TRABALHO-C.G.T., 3, rue Château-d'Eau (Bâtiment). Todas as terças feiras, das 18 às 19 horas.

VITRY. — Todas as Quartas-Feiras, das 18 às 19,30 horas, na U.L. C.G.T., 2, rue du Montbelleu, Vitry.

SARTROUVILLE. — Todos os sábados, das 14 às 16 horas, na U.L. C.G.T., mairie de Sartrouville.

BEZONS. — Todos os Sábados, das 16,15 às 18 horas, na U.L. C.G.T., 8, rue Parmentier, Bézon.

NO SENA E MARNE :

MELUN. — Na Bolsa do Trabalho, quai H.-Rossignol. Todos os Domingos, das 10 às 12 horas.

NO SENA E OISE :

JUVISY-SUR-ORGE. — Na U.L. C.G.T., 10, rue Châtillon, todas as Segundas, Terças e Quintas-Feiras, das 18 às 20 horas.

GRENOBLE. — Na Bolsa do Trabalho, 2, rue Berthe-de-Boissieux. Todas as quartas-Feiras, das 18,30 às 19,30 horas.

NEVERS (Nièvre). — Sindicato da Construção - Boulevard L. de Coubertin - 5º andar-Sala 31 - Todas as Segundas, Quartas e Sextas-Feiras, das 18 às 19 horas, e todos os Sábados das 14 às 18 horas.

## O MEDO ESTA SER VENCIDO EM PORTUGAL

O ambiente de miséria e de opressão a que os dirigentes fascistas portugueses têm levado esse país ibérico, mais e mais agravado nos últimos anos, por causa do prosseguimento da guerra colonial em três frentes, tornando cada vez mais precária a vida do povo desse país, tem levado às mais diversas reacções de certas camadas da sociedade portuguesa.

Ainda recentemente, em 8 de Novembro passado, foi enviada uma mensagem ao almirante Américo Thomaz, posto pelo salazarismo no posto de « chefe de Estado português », na qual 118 personalidades dos mais diversos sectores da vida portuguesa exigiam a demissão de Salazar, denunciando a sua « ditadura pessoal erigida numa reacção ideológica-política », de seu governo e a organização de eleições livres. Essa mensagem foi entregue à imprensa, para sua publicação.

Nela, os 118 signatários denunciam que a continuidade do governo salazarista é baseada no emprego da força e na deformação da expressão da opinião pública. Que Portugal é o país da Europa de mais baixo nível de vida. Que 130.000 trabalhadores saíram dos país, ultimamente. Que a óptica do governo, no domínio de política ultramarina é uma « opção de desgraça ». Que a autodeterminação dos povos coloniais é um princípio moral indiscutível. Que Portugal deve voltar a uma política internacional de amizades fecundas e de relações políticas são. Que a administração governamental deixou sem solução a quase totalidade dos problemas nacionais. Que o governo deve colaborar na descoberta da verdade sobre o assassinato de Humberto Delgado. Que se acabe com a « arbitrariedade e a ilegitimidade do poder executivo ».

Entre as 118 assinaturas, subscreventes dessa mensagem, figuram 52 advogados, 17 escritores, 6 médicos; e, entre os advogados, o próprio vice-bastonário da Ordem dos Advogados, de Lisboa.

## Agostinho Saboga

Não obstante ter sido transferido para o Hospital-Detenção S. João de Deus, continua em estado grave o democrata português AGOSTINHO SABOGA, preso há vários anos. E' dever de todos os anti-fascistas protestar contra o crime que representa a manutenção na cadeia deste democrata, às portas da morte.

Exigi, por todos os meios, a imediata libertação de Agostinho Saboga! Endereçai mensagens, telegramas, moções e cartas EXIGINDO que Agostinho Saboga seja imediatamente libertado, a:

- Ministro da Justiça, Lisboa, Portugal.
- Presidência da República, Lisboa, Portugal.
- Ministro do Interior, Lisboa, Portugal.
- Director do Hospital S. João de Deus, Lisboa, Portugal.
- Embaixador de Portugal, 3, rue Noisiel, Paris-16'.
- Presidência do Conselho, Palácio S. Bento, Lisboa, Portugal.

## U.L. DA C.G.T. DE AUBERVILLIERS

Em 17 de Dezembro passado, efectuou-se na Bolsa do Trabalho, 13, rue Pasteur em Aubervilliers, a reunião anual destinada aos camaradas portugueses para renovação de cartas sindicais e novas adesões. Essa reunião, que foi presidida pelo secretário da U.L. da C.G.T., Henri Cathalifaud, teve a presença de um trabalhador português, que serviu de intérprete. Nela foram abordados, pelo referido secretário da U.L., diversos problemas relacionados com o trabalho, o alojamento e as discriminações sociais feitas aos trabalhadores portugueses neste país pelo patronato e seu governo, ao mesmo tempo que foi lançado um apelo de sindicalização e de reforço da C.G.T. para que, através disso, a classe trabalhadora possa fortalecer-se mais e mais e acabar, assim, com as injustiças sociais em relação aos que trabalham.

## PANORAMA PORTUGUÊS

Cada mês que passa, maiores são as dificuldades que aso-barbam o gover no ditatorial-fascista do senhor Salazar e da sua camarilha. Como as coisas se apresentam aos olhos do mundo, podemos dizer que não é cada mês que passa que amontoa as dificuldades com que o mais velho ditador da mais velha ditadura do universo se vê a braços; mas sim a cada semana, a cada dia, a cada hora, o horizonte político-social-económico desse ditador fascista mais e mais se enevoa, mais negro se torna — ameaçando desmoronar-se, através dos resultados nefastos com que tem « brindado » o povo português nestas últimas décadas. São os resultados de escandalosas misérias económicas e morais atiradas à nação; são o agravamento das condições de vida e de trabalho do povo, num grau terrivelmente baixo para o operariado, num outro ainda muito pior para os pescadores e camponeses (como é possível descer-se ainda ao mais baixo dos mais baixos limites de subsistência?); são os abusivos e injustos envios de contingentes militares para as três criminosas guerras coloniais que o sanguinário e velho e retrogrado ditador e a camarilha dos grandes tubarões dos monopólios financeiros e industriais portugueses e estrangeiros que o sustentam; são o ambiente policial que se generalizou por todo o país e faz com que ninguém confie em quem não conhece e os sádicos e inerveis métodos da policia politica de Salazar (a nefanda PIDE); são todos esses e outros motivos de miséria e crime, que forjaram essa imensa doença que mina e corrói os alicerces de qualquer nação: — a Emigração.

Em Portugal, não há aldeia, não há vila, não há cidade que não se tenha visto amputar da força criadora de seus filhos. Aldeias inteiras ficam desertas de homens válidos. Muitas vilas perderam a riqueza do esforço de seus filhos. Abalando para o estrangeiro, o homem português (trabalhador, camponês, pescador, estudante, intelectual) toma uma decisão que, no fundo, é das mais sérias e tristes que tem de tomar; com esse acto, corta os laços de amor, de amizade, de vida, com tudo que lhe é querido aos olhos e ao coração: lar, familia, terra, amigos, em suma, a sua Pátria. Uns fazem-no para terem onde trabalhar e ganhar o pão para si e para os seus, visto não encontrarem trabalho na sua terra. Outros, por através de seu trabalho, alcançarem um pouco de conforto na vida, que lhe é negado no seu país. Outros, porque a odiosa PIDE os perseguiu, ou persegue, e asfixiam de opressão. Outros,

## Sofia ferreira

deve ser libertada!

A Campanha Nacional e Internacional a favor da libertação imediata desta anti-fascista portuguesa, amplia-se. Juntemos, também, a nossa voz ao coro de protestos que por todo o mundo se eleva contra a manutenção nas masmorras salazaristas desta corajosa lutadora pela liberdade e pela democracia em Portugal.

Que cada leitor, que cada amigo deste jornal, escreva, exigindo a libertação de SOFIA FERREIRA. E que consiga que os seus amigos, todos os seus conhecidos e amigos, o façam também. Desta forma, o volume de protestos subirá a tal ponto que acabará por forçar as autoridades fascistas-pidesas a ceder. Há já numerosos exemplos do que podem conseguir companhias como esta em que estamos empenhados. Os mais recentes são os de José Victoriano, Carlos de Brito e Joaquim Ribeiro, actualmente em liberdade depois de muitos anos passados nos cárceres salazaristas.

Endereçai os vossos protestos e exigências a:

- Presidência do Conselho - Palácio de S. Bento, Lisboa, Portugal.
- Presidência da República - Palácio de Belém, Lisboa, Portugal.
- Ministério do Interior, Lisboa, Portugal.
- Ministério da Justiça, Lisboa, Portugal.
- Director da PIDE, R. António Maria Cardoso, Lisboa, Portugal.
- Embaixador de Portugal, 3, rue Noisiel, Paris-16'.

ainda, e neste caso os jovens, para se escaparem às guerras coloniais, onde têm de matar e morrer na defesa de interesses que sabem ser contrários aos de sua Pátria e de seu Povo.

E' assim que a onda de evasão de Portugal, « enorme campo de concentração » como o grande escritor democrata, gloria das letras portuguesas actuais, Ferreira de Castro chamou ao que ao seu país fizeram Salazar e a sua camarilha, nunca foi tão grande, em qualquer tempo, como o tem sido nestes últimos cinco anos, em especial por causas de todos conhecidas: — as guerras coloniais, feitas e mantidas não só por um orgulho de velho louco perdido do seu tempo, como pela oligarquia financeira que, enquanto o ditador for servindo os seus reais interesses, o apoia com os largos recursos internacionais que ainda dispõe. Essas guerras, criminosas como todas as guerras, mais criminosas ainda por tentarem impedir o natural curso da História dos povos que tende à independência de todos eles, são a cúpula do imenso edificio de miséria, repressão e crime, que o salazarismo tem vindo a construir depois que, por mal de erros e pecados cometidos por velhos idealistas republicanos, se apossou do poder, roubando-o das mãos desses militares, entre os quais Gomes da Costa, que, julgando servir os interesses da nação, fez o 28 de Maio em detrimento de todo um povo, para gaudir da clique fascista que nessa época estava em crescimento, com o apogeu mussuliniano.



Hoje, em Portugal, a Liberdade, que é uma palavra varrida do dicionário do país depois de dezenas de anos, é espeznhada nas suas raízes, através todos os processos de destruição. O salazarismo-fascismo policial destruiu todos os direitos do povo: direito de reunião, de palavra, de greve, de cantar, de viver. E' a lei da selva fascista que se impôs — e a que a criminosa quadrilha pidesca defende, qualquer que seja o processo e o crime a utilizar — e quem não aceita ser passivo como uma ovelha a toda e qualquer violência ou injustiça, física, moral, intelectual ou económica que se praticam a todo o momento, é atirado para o desemprego, para a fome, para a prisão.

O tempo da completa falência e destruição desse nefando regime aproxima-se. Não por acaso, não porque isso seja o reflexo da vontade salazarista e sua camarilha. Não! Aproxima-se porque, em face dos erros e dos crimes cometidos por Salazar e seus defensores, a nação encontra-se à beira do abismo. As condições para a destruição do fascismo-salazarista têm seguido um longo e doloroso amadurecimento. Estamos à portada de grandes acontecimentos nesse país. Não obstante todas as dificuldades que ainda há no caminho, a estrada está sendo traçada, com o sangue, o sacrificio, a coragem, a dedicação e toda a alma de um povo que tem perdido seus melhores filhos nas masmorras, nos campos de concentração, na tortura e no assassinato. E é através desses exemplos, dessa dedicação, dessa coragem, que o povo português unido e organizado, há-de levar de vencida, num grande, num muito amplo movimento nacional, o miserável, criminoso, caduco e retrogrado sistema salazarista-fascista, que tanto mal tem feito a Portugal, que tanto sofrimento tem derramado sobre o povo português. E se cada português quiser e souber ajudar, ajudará a encurtar o caminho para a libertação do seu povo, de que ele é parte integrante.

## Na lisnav

Depois de Agosto último, a todos os operários com a categoria de oficiais, e com menos de um ano de casa, foi concedido um aumento salarial de 10\$00 diários. Desta forma, eles passam a ficar equiparados, em matéria de salários, aos operários mais antigos.

Vários ajudantes foram exigir, dos responsáveis, um salário idêntico aos dos seus colegas mais velhos.

## Americo vale

Em fins de Setembro passado, mais de uma centena de operários desta empresa (que se dedica à picagem de barcos) concentraram-se nos escritórios e exigiram que o salário lhes fosse pago integralmente. A empresa, que pretendia ficar com um dia de salário a cada operário, com fins alheios aos interesses dos mesmos, foi obrigada a ceder perante esta unida acção.

## A saúde do ditador

Diz-se que Salazar se encontra doente. Sofre do endurecimento da próstata, o que o impede de urinar normalmente. Ele não tem querido submeter-se a uma intervenção cirúrgica. Mas a doença força-o a sujeitar-se. A sua velha governante, Marla, morreu há uns meses.

## A guerra colonial

Um dos problemas mais agitados nos meios militares portugueses e nos dos dirigentes fascistas-salazaristas, é a guerra colonial. Cresce vertiginosamente o número de baixas das tropas colonialistas, especialmente nestes últimos tempos, o que leva a desmoralização aos fascistas. Isto significa que o poder de ataque defesa aumento do lado dos patriotas africanos.

## Agitação

Consta que apareceram em algumas regiões do sul do Tejo várias manifestações da agitação que lava no povo português, contra o salazarismo.

Em Alhos Vedros, na Baixa da Banheira e outros lugares, apareceram inscrições nos muros e paredes dos edificios, feitas a carvão e a alcatrão, que diziam: « Morra Salazar », « Abaixo o fascismo », e abaixo a Pide ». Outras inscrições semelhantes, feitas em prédios, nos postos de sinalização das estradas, com tinta fluorescente, o que os torna muito visíveis de noite, apareceram nas redondezas de Cacilhas.

## A guerra na Guiné

De fonte segura informam que a média das baixas expedicionárias portuguesas, na Guiné, em 1966, foi de 5 por dia.

## Lutas e protestos operarios

**Na CARRIS** — Continuam a aparecer inscrições nas paredes das instalações da carris convidando os trabalhadores desta empresa a lutarem por um aumento geral de salários. Neles também os operários eram convidados a fazerem concentrações junto dos sindicatos (oficiais). Receosos que os trabalhadores correspondessem a esse apelo, os membros da Comissão Administrativa desse sindicato, postos pelo governo e patronato, resolveram encerrar a sede durante vários dias.

**Na CUF** — Os tubarões Melos parecem alarmados com a fuga de mão-de-obra especializada das suas fábricas de Lisboa.

— As operárias do contracto que trabalham há mais de dois anos na empresa foram aos escritórios exigir que seja normalizada a sua situação, com a sua ingresso nos quadros.

Também alguns operários do contracto têm reclamado a sua admissão como efectivos, ameaçando-se despedirem-se se não forem atendidos.

A CUF começa a ter dificuldade em contratar operários que trabalhem em regime de contracto. Actualmente, os que trabalham ainda neste regime são ex-soldados regressados das colónias.

## Corticeiros

Da zona de Montijo, centro corticeiro dos mais importantes de Portugal, muitos operários têm emigrado para França, nos últimos tempos, uns legal outros clandestinamente.

## Protestemos contra a reabertura do campo do tarrafal

Como é sabido, o nefasto Campo de Concentração do Tarrafal (conhecido por todos os anti-fascistas como « Campo da Morte Lenta ») foi encerrado, depois da derrota das hordas criminosas hitlerianas e mussulinianas e após uma larga campanha de protesto à escala internacional, levada a efeito em 1948.

No entanto, a criminosa camarilha salazarista não desarmou completamente. E é assim que, há já alguns anos, tem encerrado nesse campo de maldita memória, alguns dos mais prestigiosos lutadores da independência dos povos africanos subjugados a colonização fascista portuguesa.

Há pouco, o governo salazarista oficializou essa reabertura do Campo do Tarrafal, com a publicação no « Diário do Governo » de um decreto que dá poderes ao ministro da Justiça (?) para fazer internar nele todos os democratas portugueses que lutam contra a miserável e criminosa ditadura salazarista.

O campo de concentração do Tarrafal fica numa das ilhas do arquipélago de Cabo Verde (a Ilha do Sal), onde numerosos lutadores anti-fascistas portugueses foram mortos, entre os quais o então secretário-geral do Partido Comunista Português, Bento Gonçalves.

Com a oficialização dessa reabertura, o governo salazarista e a sua força sustentáculo, que é a Pide, pretendem enviar para esse « campo de morte lenta » numerosos trabalhadores e anti-fascistas actualmente nas masmorras pidescas, dos melhores filhos do povo português, entre os quais António Dias Lourenço, Octávio Pato, Joaquim Pires Jorge, Blaquim Teixeira, Capitão Varela Gomes, Carlos Costa, os estudantes José Bernardino e Saldanha Sanchez, o dirigente católico Manuel Serra, e outros membros da classe operária e sindical portuguesa. Vários destes presos cumpriram há já muito tempo a pena a que os tribunais os condenaram. E em vez de os porem em liberdade, os governantes desse empobrecido e espoliado país mantêm-nos nas masmorras, à sombra dessa disfarçada « prisão perpétua » que são as « medidas de segurança » e pretendem agora desterrá-los para o meio de Atlântico, nesse « campo de morte lenta » de maldita memória.

Portugueses! Portuguesas! Homens e mulheres de coração! Onde quer que estejam trabalhando, qualquer que seja o país que estejam a enriquecer com o vosso trabalho, na ajuda do progresso desses países feita pelo vosso esforço (esforço que seria muito melhor empregado para o progresso de Portugal, vossa terra, se esse mau governo não os tivesse forçado a abandonar o vosso país), protestai! Enviai protestos contra a reabertura do Campo de Concentração do Tarrafal. Exigi que ele seja extinto e que nenhum anti-fascista, português ou africano, seja lá mantido! Enviai cartas, postais, telegramas, moções com milhares de assinaturas, nesse sentido, a:

- Ministro da Justiça, Lisboa, Portugal.
  - Presidente Américo Thomaz, Lisboa, Portugal.
  - Embaixador de Portugal, 3, rue Noisiel, Paris-16'.
  - Presidente do Conselho-Palácio S. Bento, Lisboa, Portugal.
- E a todas as Embaixadas de Portugal nos países onde residam!

# A LIÇÃO DAS LUTAS ACTUAIS

## Sob o signo duma combatividade exemplar

Com as lutas que se desenrolaram durante estes últimos anos, a classe operária travou a vontade comum do patronato e do governo, de reduzir ainda mais o nível de vida do conjunto dos assalariados, em benefício das grandes sociedades capitalistas.

Mas as reivindicações económicas e sociais dos trabalhadores mantêm-se ante a recusa obstinada do patronato e do poder gaulista de abrir a discussão para a sua regularização.

E' assim que centenas e centenas de milhares de trabalhadores têm participado corajosamente às paralizações de trabalho e às greves, para obrigar o patronato a regularizar os problemas urgentes pela via da negociação.

Com o aumento geral dos salários, a garantia de emprego, a segurança contra os despedimentos, contra o encerramento das fábricas, contra a redução de horários e de pessoal, verificam-se que são as reivindicações de primeira necessidade, as mais urgentes que se põem, assim como a da redução do tempo de trabalho sem diminuição de salário, redução esta amplamente justificada pelo crescimento enorme da produção de trabalho.

Nas acções que se têm desenvolvido, se desenrolam ainda ou se preparam, contra o agravamento das condições de trabalho, pela desaparecimento das disparidades de zonas de trabalho, pelo livre exercício dos direitos sindicais nas empresas, os militantes da C.G.T. fazem prova dum grande espírito de responsabilidade e os trabalhadores de uma combatividade e de uma unidade apreciáveis!

Ainda que sem ligação directa com os resultados das



recentes eleições legislativas, as lutas económicas tomaram um novo revigoramento.

Os trabalhadores portugueses, com seus camaradas franceses, têm novas razões de confiança e de certeza no futuro para forçarem o desaparecimento das injustiças, num progresso da união das forças operárias e democráticas e no golpe severo infligido ao poder gaulista dos monopólios, isto é, aos monopólios eles mesmos.

Nem as manobras de divisão ou de diversão, nem a provocação ou o recurso ao encerramento dos fábricas pelo patronato, ou a ameaça das forças de repressão e às suas violências, têm conseguido, ou conseguirão, intimidar os operários em greve, ou a romper a sua unidade forjada na luta.

Vindo depois do resultado do acordo das fábricas Dassault, em Bordeaux, aparece o do Rodiaceta, em Lyon, imposto ao potente « trust »

Rhône-Poulenc, e o da Berliet, constituindo sucessos apreciáveis, de um grande interesse para o conjunto dos trabalhadores e, particularmente, para esses que são vítimas do desemprego parcial, de perturbações de emprego e que suportam dificilmente o verdadeiro roubo que constitui as disparidades regionais de salário.

A experiência acaba de demonstrar que se pode ir até ao extremo da resistência do patronato encorajado pela política anti-social do governo gaulista. Eles tiveram, finalmente, que aceitar o que as organizações sindicais não tinham deixado de preconizar: a regularização das reivindicações pela via da negociação.

E' o caminho a seguir para impor igualmente a supressão de todas as discriminações que ferem injustamente os trabalhadores imigrados e suas famílias.

Eis porque todos os militantes da C.G.T. devem dedicar a maior importância à ajuda activa aos trabalhadores em luta.

Da solidariedade material aos grevistas depende sempre o sucesso do seu combate. Os militantes, os trabalhadores portugueses, com os seus camaradas franceses e os imigrados de todas as nacionalidades, devem redobrar de esforços e de iniciativas no sentido de multiplicarem as colectas de solidariedade para sustentar os seus camaradas que lutam ao mesmo tempo por toda a classe operária.

A recrudescência das lutas reivindicativas, às quais os trabalhadores portugueses participam em grande número, testemunha o profundo descontentamento dos trabalhadores pela sua situação actual, ao mesmo tempo que prova o progresso da sua unidade e da sua vontade de obter a satisfação das suas legítimas reivindicações.

## A MELHOR SOLIDARIEDADE AO POVO DO VIETNAM É A DE AJUDAR A REENCONTRAR A PAZ



Cerca do fim do mês de Janeiro último, o Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Democrática do Vietnam declarou-se pronto a aceitar negociações, se os bombardeamentos dos americanos invasores cessassem.

O governo dos Estados Unidos respondeu a este gesto de boa vontade de pôr fim à guerra pela negociação, com o agravamento das hostilidades.

Ao recrudescimento dos bombardeamentos aéreos, principalmente sobre os subúrbios de Hanoi, de Haiphong, dos centros industriais, vieram juntar-se a largada de minas nos cursos de água, e do bombardeamento das costas pelos canhões da VII frota de guerra U.S., assim como o bombardeamento pela artilharia de longo alcance instalada pelos americanos ao sul da zona desmilitarizada.

A intensificação das operações militares e a multiplicação das bases americanas de agressão contra o Vietnam, confirmam duma maneira flagrante aos olhos dos trabalhadores de todo o mundo que o prosseguimento da guerra não é da responsabilidade do agressor e do agredido, mas sim que essa responsabilidade incumbe exclusivamente ao governo dos Estados Unidos da América.

Do norte ao sul, os americanos praticam no Vietnam uma guerra de extermínio e de terra queimada.

No mês de Março passado, a delegação da Frente Nacional de Libertação do Vietnam do Sul, em Hanoi, apresentou um documento à imprensa. Este documento mostra como « o imperialismo ianque não se contenta de massacrar massivamente homens, mas também raivosamente destrói tudo que permite a sobrevivência: as searas, a vegetação. Tudo que constitui o campo das actividades humanas: aldeias, « hameaux », os arrozais, as florestas, tudo os criminosos americanos destroem selvaticamente. Em vastas regiões, o trabalho de gerações de homens foi completamente arrasado ».

Segundo as previsões dos Estados Unidos eles mesmos, declara o documento, citando fontes americanas, « 638.000 toneladas de bombas devem ter sido atiradas sobre o sul do Vietnam em 1966, ou seja mais que neste sector do pacífico durante a segunda guerra mundial, ou durante a guerra da Coreia ». « Durante este mesmo ano, prossegue o texto, 500.000 toneladas de obus foram atiradas sobre os sudvietnamianos, ou seja mais que a quantidade utilizada pela artilharia americana durante toda a segunda guerra mundial ».

Este documento indica, igualmente, que « nas vastas regiões onde foram levadas a cabo operações de terra queimada, um milhão de civis foram mortos ou feridos ».

Não é sem angústia que podemos perguntar que novos degraus serão transpostos na escalada, que já atingiu limites que não podem ser ultrapassados sem pôr em risco a paz do mundo!

E' urgente, assim, que a acção e solidariedade de todos os trabalhadores com o povo vietnamiano se reforce ainda mais, para parar o braço do agressor americano e impor-lhe a « PAZ NO VIETNAM ».

Os trabalhadores portugueses em França, ao lado dos seus camaradas franceses e imigrados, manifestarão a sua solidariedade ao heróico povo do Vietnam, dando assim, ao mesmo tempo, uma contribuição à causa da Paz no mundo, e à amizade entre todos os povos.



### ADERE A C.G.T.

Nome .....

Prenome ..... Idade .....

Endereço .....

Profissão .....

Empresa onde trabalha .....

Localidade ..... Departamento .....

A enviar ou a entregar ao delegado sindical C.G.T. na sua empresa ou à: C.G.T., 213, rue Lafayette, Paris-10°.

# VIVA O 1º DE MAIO

(Conclusão da pág. 1)

ano, o 50º aniversário da sua grande revolução proletária, seus sucessos e seus esforços para o desenvolvimento da amizade entre os povos.

O 1º de Maio deve ser uma etapa marcante da luta unida em curso neste país, pelo triunfo da democracia e o sucesso das reivindicações operárias.

A C.G.T. chama à luta pela união de todas as forças do progresso, a fim de abrir a via ao estabelecimento da democracia. Um grande passo foi já dado quando das últimas eleições legislativas. O élan assim suscitado pela união das formações da esquerda prepara transformações profundas e decisivas.

A coesão das forças democráticas, a fixação de objectivos precisos, a elaboração dum programa comum, devem acelerar uma evolução à qual todos os trabalhadores têm o dever de participar.

Um tal clima estimula a luta reivindicativa e abre novas perspectivas, favoráveis à solução das reivindicações fundamentais.

Vós haveis iniciado uma luta de opinião contra o governo gaulista e contra o patronato, com os trabalhadores franceses, que condenou a política anti-social do poder gaulista quando das últimas eleições legislativas e com eles vós desenvolveis actualmente, com eficacidade, a acção contra os efeitos nefastos dessa mesma política governamental. As razões do descontentamento dos trabalhadores são numerosas e graves:

O desemprego amplifica-se e o problema do emprego agrava-se, com a aceleração e a concentração capitalista.

Os benefícios capitalistas e as despesas improdutivas de prestígio e de armamento do Estado absorvem a maior parte do crescimento das receitas nacionais. O poder de compra de empregados e assalariados, pensionários e reformados estagna e, mesmo, está diminuindo. Vários milhões de trabalhadores recebem salários anormalmente baixos; subsistem graves disparidades e discriminações.

As condições de trabalho se deterioram, a semana de trabalho em França é a mais comprida da Europa.

Os impostos fiscais esmagam as classes laboriosas, enquanto o governo alivia os impostos duma maneira pla e escandalosa a favor dos benefícios capitalistas.

Graves ameaças pesam sobre a « Sécurité sociale ».

A C.G.T. chama-vos, em consequência, a reforçar a vossa luta, a fazer deste 1º de Maio uma nova e grande manifestação unitária.

O 1º de Maio deve permitir um novo progresso em direcção à realização da FRENTE COMUM DE TODAS AS ORGANIZAÇÕES SINDICAIS, em face à coligação e à intransigência do poder gaulista e do patronato sobre os salários, a garantia de emprego, a redução da duração do trabalho, a defesa dos direitos sociais, as liberdades sindicais.

VIVA O 1º DE MAIO,  
VIVA A UNIDADE,  
VIVA A SOLIDARIEDADE  
INTERNACIONAL E A PAZ.